Arquitetura Infantil: reinventando os espaços

Iniciativa

EDUCAÇÃO Brincar

Fundação Grupo Volkswagen

Parceiros

MAIS diferenças Educação e Cultura Inclusivas

CIDADE DE SÃO PAULO EDUCAÇÃO

Cada experiência comovente da arquitetura é multissensorial; as qualidades do espaço, da matéria e da escala se medem em partes iguais pelo olho, o ouvido, o nariz, a pele, a língua, o esqueleto e o músculo.

JUHANI PALLASMAA, arquiteto e filósofo finlandês.

Apresentação

Quem não se lembra de pelo menos um episódio em que construiu uma toca, uma caverna ou cabana com materiais disponíveis na própria casa quando criança?

Este é o guia de apoio da atividade *Arquitetura Infantil*: reinventando os espaços, que pode ser realizada com todas as crianças, com e sem deficiência. Além do guia, essa atividade conta com materiais pedagógicos complementares: três faixas de áudio com sons da natureza, da cidade e da casa; um arquivo PDF com 71 ícones de Comunicação Alternativa; e um vídeo audiovisual acessível com 71 sinais de Libras. Este conjunto de materiais foi desenvolvido pela Mais Diferenças para o Projeto Brincar, uma iniciativa da Fundação Grupo Volkswagen em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

A leitura que as crianças fazem dos ambientes amplia as possibilidades de transformação dos lugares. Por isso, acreditamos na importância de ouvi-las, brincar com elas, contar com a *Arquitetura Infantil* para construir a brincadeira, atentos ao que elas nos apresentam.

A *Arquitetura Infantil*, conceito que inventamos para nos referir ao modo de construir das crianças, é uma arquitetura de trajetória não linear, isto é, o ponto de chegada é sempre uma possibilidade em aberto, pois a experiência acontece no momento presente. E, frente a este modo de criar tão desprendido e espontâneo, cabe ao adulto sustentar essa construção, deixando-se levar por ela e aceitando suas doses de efemeridade e impermanência. É preciso nos livrar da rigidez e tentar por um tempo deixar de lado o racional, o lógico.

Nesse sentido, Gianni Rodari, escritor e poeta italiano, no livro *Introdução à Arte de Contar Histórias Gramática da Fantasia* (Summus, 1982), pensando em instigar a imaginação das crianças, nos sugere um exercício diferente: colocar o prefixo “des” em todas as palavras, até mesmo nas mais inusitadas. Para olhar os espaços através da *Arquitetura Infantil*, é preciso imaginar e estar confortável com o “desmontar”, com um “dessofá”, uma “desporta”, um “deslençol”. Nesse caminho é possível construirmos ambientes de fabulação e descobertas para todos.

Este guia, então, busca instigar o despertar da *Arquitetura Infantil* por meio da construção de cavernas, cabanas, tocas, túneis... Para isso, trazemos reflexões pedagógicas, inspirações artísticas, sugestões de mediação e de disparadores para a brincadeira. E, como essa jornada de descobertas pode acontecer tanto na escola quanto em casa, este guia se destina a educadores e familiares. Sendo assim, você pode ler todo o guia ou explorar o sumário e escolher os tópicos que mais lhe interessam. Boa leitura e brincadeiras!

Sumário

Algumas reflexões teóricas 6

Como um corredor pode virar caverna? 10

Por onde começar? 14

Sugestões de mediação 19

Por que é para todos? 31

E depois? Mais e mais brincadeiras! 34

Para continuar explorando 37

Algumas reflexões teóricas

Por que pensar que o “espaço” é importante na brincadeira? A arte e a educação nos convidam a refletir e observar os espaços e ambientes onde vivemos e onde estudamos, como eles são organizados, ocupados, e reinventados. Por sua vez, o espaço convida a criança para o brincar, estimula sua imaginação e fabula com ela novas possibilidades de conhecimento e aprendizado.

Toca construída na cama, com lençol e cabo de vassoura.

Em nossas brincadeiras com as crianças, inventamos diferentes formas de ocupar o espaço. A composição usando alguns materiais - como um lençol e algumas cadeiras, por exemplo - pode gerar diferentes construções: cabanas, cavernas, tocas, túneis, castelos, tendas, barracas, casulos, ninhos... E, para honrar essas tantas possibilidades, ao longo do texto vamos nomear essas construções alternando entre essas diferentes formas.

As cabanas constantemente surgem como possibilidades quando pensamos em reinventar, reocupar e criar espaços. E, mesmo que à primeira vista a invenção de espaços como esses pareça muito singela, tais refúgios têm um papel importante para o desenvolvimento da criança em diferentes aspectos.

Primeiro, a fabulação da caverna em sua estrutura e em seus detalhes, bem como a criação das histórias que são despertadas por ela, instigam a criança a imaginar. A brincadeira da inventividade, do criar, da aventura é essencial para o desenvolvimento de todas as crianças: ao imaginar, elas vão aprendendo a serem mais flexíveis e mais espontâneas, o que muda sua relação com o mundo real, podendo torná-lo menos hostil, mais suave e mais afetuoso.

"Toca do coelho" construída com a mesa da cozinha, toalha e lençol.

Além disso, a caverna em sua forma oferece à criança um local de proteção e intimidade. Na escola, no início do ano, período de adaptação ao ambiente, que pode ser um momento difícil, a criação de cabanas para realização de atividades pode oferecer aconchego, ser um lugar de hospitalidade às crianças, com e sem deficiência. Da mesma forma, em casa, não importa o tamanho, construir uma caverna "só sua" pode proporcionar um local de privacidade, de sustentação, onde a criança possa guardar seus segredos e se esconder de todos os "monstros" da sua imaginação.

É certo que as crianças conhecem o ambiente por meio de todos os seus sentidos e aguçá-los ainda mais pode ser outra proposta de brincadeira dentro da cabana. Isso porque a interação com sua estrutura em si já oferece uma experiência multissensorial, já que o espaço criado pode ter novas dimensões, cores, luzes e cheiros. Dessa forma, dentro das cabanas, é facilitada a expansão e diversificação dessas experiências, por meio de brincadeiras que envolvam novas texturas, como as de lixas e algodões; novos sabores, como os de alimentos ainda não experimentados; e novos cheiros, como os de temperos e plantas.

E, considerando que as crianças absorvem o que lhes é oferecido utilizando todo o corpo, isto é, de modo menos fragmentado, quanto mais ricas em estímulos sensoriais forem as brincadeiras, melhor para seu desenvolvimento. Portanto, as crianças com diferentes tipos de deficiência, que acessam o mundo de diferentes

formas, se beneficiam ainda mais do leque de possibilidades de participar e experimentar que essa riqueza de estímulos proporciona. Na seção **Por que é para todos?** aprofundamos um pouco mais essa reflexão.

A grande educadora Maria Montessori (Itália, 1870-1952), que tanto contribuiu para a educação das crianças com e sem deficiência e permanece uma referência, falava da importância da educação sensorial:

"A educação sensorial é igualmente necessária como base para a educação estética e a educação moral. Multiplicando as sensações e desenvolvendo a capacidade de apreciar as mínimas quantidades diferenciais entre os vários estímulos, afina-se mais e mais a sensibilidade. A beleza reside na harmonia, não nos contrastes; e a harmonia é afinidade; e, para percebê-la, é necessária certa finura sensorial. (MEC, 2010, p. 79)"

Montessori também traz uma questão importante quando fala que a sociedade impôs à criança um ritmo acelerado vivido pelos adultos e consequentemente privou-a de "recantos onde refugiar-se." (MEC, 2010, p. 114)

É necessário cuidar das crianças para além das exigências sociais e materiais. Não podemos esquecer que a infância é uma fase fundante da constituição dos sujeitos. Garantir a todas as crianças - com e sem deficiência - o seu direito de brincar, a partir de suas próprias fantasias, pode dar sustentação para que cresçam mais criativas, desenvoltas, inteiras e potentes.

Como destaca o *Currículo da Cidade - Educação Infantil* (2019, p. 157):

"os quatro eixos estruturadores das culturas infantis propostos por Sarmento (2003) indicam pontos comuns do bebê até a criança de doze anos:

- a ludicidade, ou a capacidade de brincar;
- a fantasia do real, ou a possibilidade de imaginar ativamente;
- a interatividade, ou a interação contínua com os pares ou com os adultos;
- a reiteração, ou o fazer de novo e, ao fazer de novo, reinventar o mundo."

Dessa forma, observamos que a atividade de construção das cavernas mobiliza simultaneamente os quatro eixos estruturadores da cultura infantil. A arquitetura em seu modo *Infantil* não deixa de ser um saber interdisciplinar, que envolve criação artística, planejamento e materialidade e, ao exercitá-la, a criança lida consigo mesma e com os demais, com o

concreto e com o imaginado. Como os arquitetos do mundo adulto, ao reinventar espaços as crianças assumem a responsabilidade de desempenhar o papel de mestre (*arkhi*) construtor (*tekton*).

Valorizando, portanto, as inúmeras potencialidades de toda e cada caverna, toca, cabana ou túnel, nas próximas seções pretendemos instigar a fabulação de adultos e crianças com algumas sugestões, de modo a avivar a *Arquitetura Infantil* que, certamente, já existe dentro de cada um e, assim, permitir que os espaços sejam redesenhados, reocupados e reinventados como ditarem a imaginação e a brincadeira da vez.

Como um corredor pode virar caverna?

Criança na entrada de caverna construída no corredor, com almofada e lençol.

"O ano era 2016, Jorge tinha 2 anos e o frio intenso do inverno impossibilitava as brincadeiras externas. Foi aí que surgiu a necessidade de inventarmos novas brincadeiras nos espaços que tínhamos dentro de casa. A ideia dele era de exploração, vivíamos intensamente uma paixão por dinossauros, fósseis e afins. Inventamos uma caverna no corredor. Dentro dela, experimentamos as possibilidades da luz e da sombra. Animais de brinquedo ganharam sombras gigantescas, às vezes com a ajuda de um abajur ou com a lanterna do celular. Com as sombras criamos histórias deitados sobre almofadas e travesseiros. A caverna também virou um túnel e com ele voltamos no tempo, milhões de anos atrás, períodos triássicos, jurássicos e cretácicos. Surgiu também um circuito com almofadas, deixando espaços livres para circularmos no escuro, guiados por cheiros, trilhas de luzes de lanterna e até um vaso com uma grande samambaia, espécie de origem jurássica. Suas folhas tocavam nossos rostos e sentíamos cócegas. Estávamos dentro da floresta. A máquina do tempo deu certo! Houve o momento de celebrarmos um ambiente para parar o tempo. Com a ajuda dos livros, em momentos de leitura, de histórias e poesia, as palavras fizeram a gente esquecer o mundo lá fora."

O relato de um dos consultores pedagógicos do Projeto Brincar, Arthur Calasans, pai de Jorge, nos dá uma dica preciosa de como começar a transformação do seu corredor - canto, sala, parede ou quintal - em caverna: a partir dos interesses e paixões atualmente demonstrados pela criança. No caso de Jorge, eram os dinossauros, mas os temas são infinitos: o mundo dos insetos, os animais da floresta e do fundo do mar, os seres mitológicos, o sistema solar...

Além da escuta ativa das manifestações - verbais e não verbais - das crianças, que revelam seus assuntos de curiosidade, outra estratégia frutífera é inspirar a caverna nas obras de diferentes artistas. Durante o planejamento e desenvolvimento das atividades do Projeto Brincar nas Unidades Educacionais da rede municipal de São Paulo, algumas propostas seguem essa estratégia, frequentemente tendo como inspiração o livro *Arte Brasileira para Crianças*, escrito por Isabel Diegues, Márcia Fortes, Mini Kerti e Priscila Lopes (Cobogó, 2016).

As artes visuais nos apresentam um caminho artístico traçado para transformação, experimentação e inovação nos ambientes e espaços. E, inspirados por esse caminho, podemos desenvolver um olhar atento e imaginativo, que seja capaz de fabular sobre as possibilidades de transformar algumas obras e suas experiências em brincadeiras.

Como inspirações para a experiência da caverna podemos destacar as obras de alguns artistas: Hélio Oiticica (Rio de Janeiro/RJ, 1937-1980); Tunga (Palmares/PE, 1952-2016), e Ernesto Neto (Rio de Janeiro/RJ, 1964).

Obra **"Sopro"** de Ernesto Neto na Pinacoteca de São Paulo (30/03/19 a 15/07/19).

Clique **aqui** para assistir a um vídeo sobre Ernesto Neto e sua obra. Ou clique **aqui** para ler um pouco mais sobre Ernesto Neto e ver algumas de suas obras.

Fonte: GV Culti UOL

Obra **"True Rouge"** (1997) de Tunga, atualmente em exposição no Museu Inhotim, em Minas Gerais.

Clique **aqui** para ler um pouco mais sobre Tunga. Ou clique **aqui** para uma galeria de fotos de suas obras.

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Obra **"Éden"** (1969) da série de *Penetráveis* de Hélio Oiticica.

Clique **aqui** para assistir a um vídeo sobre Hélio Oiticica e sua obra. Ou clique **aqui** para ler um pouco mais sobre Hélio Oiticica e ver algumas de suas obras.

Não só em "Éden", mas em diversas de suas obras Oiticica propõe ao público a experiência de habitar e transitar dentro e através de sua arte. Em suas palavras, "não estou querendo criar obras ou transformar ingenuamente ambientes em obras: a estrutura-abrigo-labirinto ou que forma tomar, é o lugar onde proposições abertas devam ocorrer [...]" (Itaú Cultural, 2010, p. 108)

Podemos, então, pensar nossa construção de cavernas de maneira muito próxima à proposta de criação artística de Oiticica. Na transformação de nossos corredores em cavernas, podemos ver essas tocas como lugares em que as crianças propõem livremente.

Dessa forma, as obras de arte podem dialogar diretamente com a *Arquitetura Infantil* de modo muito interessante. Você pode mostrar algumas dessas obras para as crianças e contar um pouco sobre os artistas. Assim, surgem inspirações para as cavernas ao mesmo tempo em que o repertório cultural das crianças é ampliado. Aqui, nosso papel e responsabilidade enquanto adultos são reforçados: tanto ao liberar as crianças para inventar o que quiserem quanto ao disponibilizar outras referências para que elas conheçam diversas formas de ver o mundo.

Ao proporcionar e presenciar esse encontro precioso da *Arquitetura Infantil* com os processos artísticos e suas obras, podemos ampliar nosso olhar para nos aproximarmos das reflexões de Jan Maaschlein. Ele nos inspira, como adultos, ao exercício "de esperar, mobilizar, apresentar" a partir de uma prática de suspensão e atenção. Portanto, ao transformarmos nosso corredor em caverna, não devemos nos "preocupar com o além", isto é, com o resultado. Deixemos fluir a liberdade do encontro entre a *Arquitetura Infantil* e as inspirações artísticas, atentos às descobertas que o processo proporciona. Maaschlein nos lembra: "A atenção é a falta de intenção. A atenção requer a suspensão do julgamento e implica um tipo de espera." (Educação & Realidade, 2008)

Criança brinca dentro da obra "Sopros" de Ernesto Neto em exposição na Pinacoteca de São Paulo, 2019.

Por onde começar?

Aqui estão algumas sugestões de materiais que podem ser utilizados nas diferentes variações desta atividade:

Lençóis, panos ou cobertores

Cordas

Varal portátil

Cadeiras

Mesa

Prendedor de roupas

Cabides

Cabo de vassoura

Caixas de papelão (grandes, pequenas...)

Lã ou barbante

Filtros de café

Arames

Elásticos

Fita crepe, durex

Retalhos de tecido (grandes, pequenos...)

Abajur, lanternas avulsas ou a lanterna do celular

Almofada, edredom e/ou colchão (de acordo com o tamanho do espaço)

Brinquedos variados

Sucatas e outros objetos (tampa, lata, pote, bacia...)

Livros de literatura e poesia

Lixa, algodão, casca e folhas de árvore, bucha, escova

Cravo, canela, pó de café, raspas de sabonete, chocolate em pó, alecrim, manjericão, hortelã

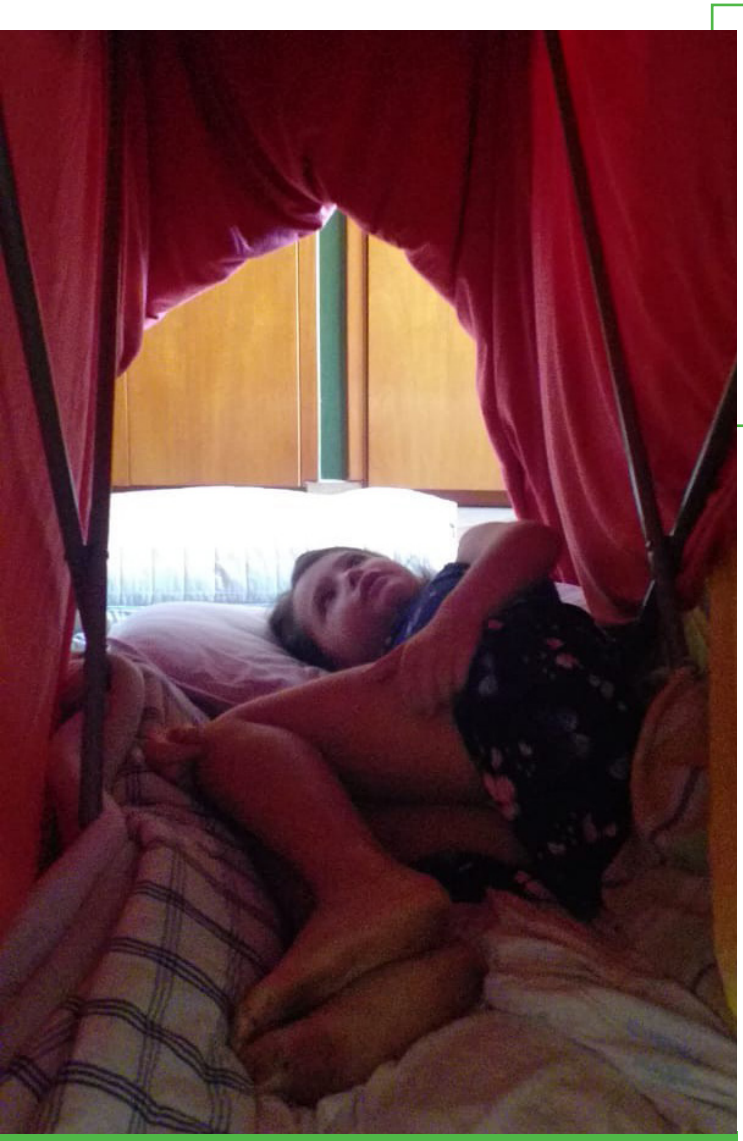
Venda (retalhos de tecido, cachecol...)

Folhas de papel variadas (pequena, grande, de pão, jornal...)

Material para desenho (lápis de cor, giz de cera, canetinha...)

Massa de modelar e/ou argila

E, a seguir, sugerimos algumas etapas para desenvolver esta atividade. É imprescindível que as crianças estejam envolvidas em todos os momentos. A ideia é fazer **com as crianças e não para as crianças.**



Criança deitada em cabana construída com um varal portátil e lençóis.

Momento 1:

Encontrem um lugar. Já fizemos cavernas em corredores, embaixo da escada, embaixo de mesas e cadeiras, em mesas viradas, em varais portáteis, em árvores, em cabos de vassoura...

Momento 2:

Escolham os materiais disponíveis. Já usamos cordas, edredons, prendedores de roupas, lençóis, pedaços de diferentes tecidos...

Criança usa corda e prendedores de roupa para construir barraca com panos e um fio suspenso.

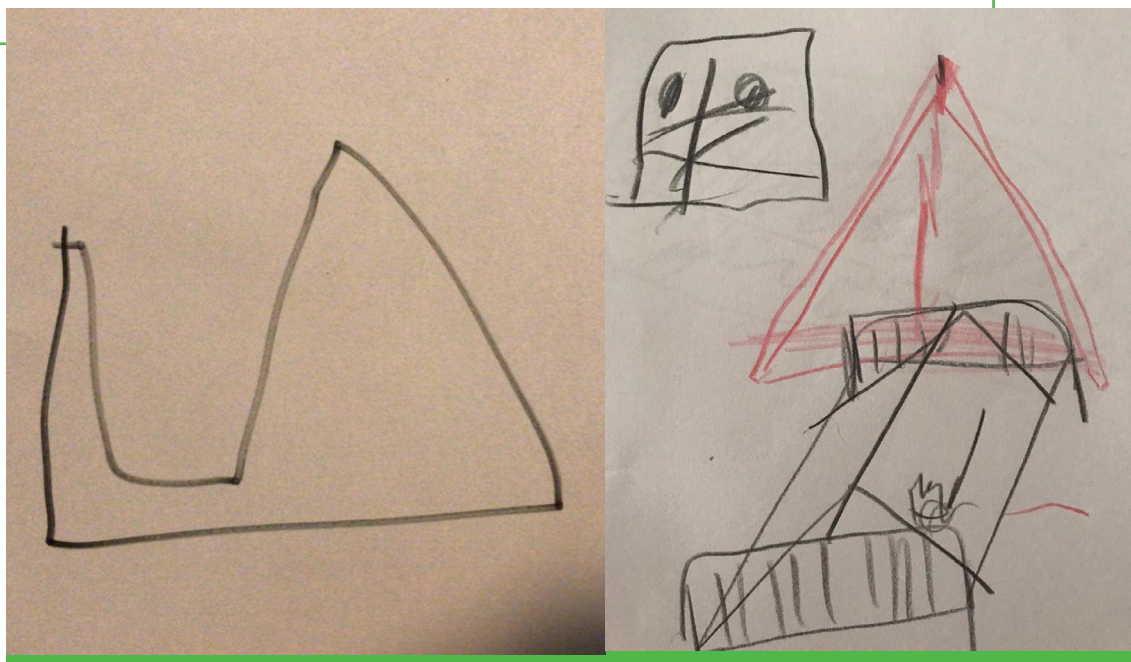
Criança reúne seus bichos de pelúcia e instrumentos musicais em uma barraca feita com sofás virados e lençóis.

Momento 3:

Descubram do que brincar lá dentro. A depender da história fabulada, selecione mais materiais. Já usamos abajures, caixas, saquinhos com diferentes cheiros, pisos de diferentes texturas... A barraca já virou lugar de leitura, de inventar histórias, de passar a noite e de viver grandes aventuras.

Momento 4:

Inventem formas de registrar o projeto da barraca e o que aconteceu lá. Pode ser por desenhos, fotografia, filme, esculturas de massa de modelar e argila, maquetes com caixas...



Desenhos de crianças representando o planejamento ou registro de suas cabanas.

Nesses momentos, muitas vezes, queremos sugerir à criança como ela deve montar e até fazer por ela - talvez porque já sabemos que um cobertor não é sustentado sozinho por uma maçaneta de porta, por exemplo. Mas, é importante deixar que elas experimentem, explorem as diferentes possibilidades e impossibilidades. E, mesmo que peçam ajuda, deixamos a criança conduzir a ação e nos orientar, exercendo seu papel de mestre construtor. Porque, afinal, quem melhor que uma criança para inventar?

Por outro lado, quando entramos no modo adulto brincante, isto é, quando somos pares das crianças na brincadeira, também ganhamos o direito de inventar e nos divertir. Surge então uma linha tênue entre conduzir a brincadeira e brincar junto, quando o protagonismo compartilhado aparece. Como destacado no *Currículo da Cidade: Educação Infantil*, "o protagonismo infantil ocorre simultaneamente ao protagonismo docente, numa relação de interdependência e sem subordinações" (2019, p. 12).

Criança e adulta forram o chão de barraca com edredom.

Outra questão importante sobre esta atividade é o tempo e seus desdobramentos. Apesar de termos usado a palavra “momento”, acreditamos que eles não devem ser breves, nem seguir uma ordem. Por exemplo, o momento 4, de registrar, pode se transformar no momento 1, se a criança assim desejar. Isto é, a criança pode desenhar ou modelar aquilo que deseja construir antes de construí-lo. E também o registro não precisa acontecer logo após a brincadeira, podemos deixar a barraca montada por vários dias e dar tempo para que as crianças se relacionem com este espaço e o transformem em novas histórias.

Por outro lado, por mais que seja importante a possibilidade de permanência das cavernas, pode acontecer também de as crianças quererem construir e depois “desfazer”. Isso também é parte da criação e da ‘descriação’, para acatar a provocação de Gianni Rodari. Mais uma vez, ressaltamos que o importante aqui é o processo e não o resultado final. Nessas composições e exercícios, podem acontecer ambas as situações.

Sugestões de mediação

Para te ajudar nessa aventura, listamos aqui algumas sugestões de temas disparadores para aflorar a *Arquitetura Infantil:*

HISTÓRIAS ANCESTRAIS E MITOS:

Conhecer a cultura de outros povos, suas crenças, seus modos de viver, suas casas e seus modos de dormir pode aguçar a curiosidade das crianças. "Povos nômades que vivem no deserto moram em tendas de panos? Povos ciganos também? Existem povos indígenas que moram em ocas? Será que se parecem com a que construímos?"

Aqui, vale pensar em contar para as crianças algumas histórias da mitologia de diferentes povos.

Você conhece o mito de Ariadne? Esse mito pode ser um disparador para a fabulação desse espaço. O "fio de Ariadne" pode se transformar em uma grande brincadeira: usando fio de lã podemos fazer caminhos, um labirinto, uma trilha para chegar a algum lugar, podemos deixar pistas de cheiros amarrados com o fio de lã, ligar o fio de um lugar ao outro...

Conheça mais sobre mitos e histórias ancestrais

Existe uma variedade enorme de mitos gregos, indígenas, afro-brasileiros, chineses, indianos... São histórias muito ricas que atravessaram os tempos e permanecem presentes para nós por meio de desenhos, da oralidade, de filmes e livros. Para começar essa exploração da ancestralidade do mundo todo e de nós mesmos, **clique aqui** para ver um vídeo sobre a história de Ariadne ou **clique aqui** para ver um vídeo sobre a lenda do guaraná, do povo Sataré-Mawé. Você pode ainda **clicar aqui** se quiser ler sobre lendas de outros povos indígenas ou **clicar aqui,** se quiser acessar uma série de vídeos sobre lendas do folclore brasileiro.

Existe uma diversidade imensa de histórias dos povos indígenas brasileiros, que contam, por exemplo, sobre a ancestralidades de homens e mulheres e suas façanhas diárias, as lutas com animais ferozes, os mistérios dos seres que habitam a floresta... Você conhece a história da origem da fruta do guaraná? Ou da planta vitória-régia?

Além de aguçar a imaginação para construção das cavernas, esses mitos, fábulas ou contos, permitem às crianças conhecer um pouco da nossa história e poderão levá-las a entrar em contato com sentimentos diversos - muitas vezes, as histórias não terão finais felizes, mas isso nos ajudará a elaborar medos e angústias. O papel do mediador, nesse momento, seja familiar ou educador, é acolher esses sentimentos e mostrar um lugar seguro para as crianças, um lugar de vínculo e pertencimento.

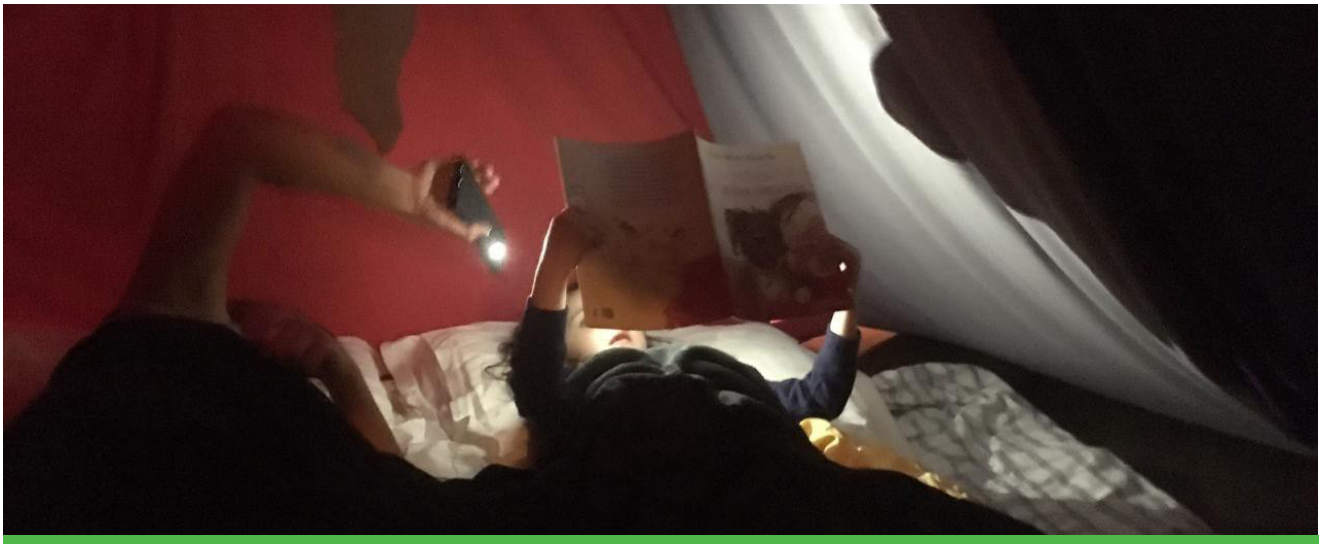
LITERATURA:

Aproximar as crianças dos livros desde muito pequenas contribui para que elas possam ampliar o mundo da imaginação, da fantasia, da magia. O acesso a esse mundo literário passa pela disponibilidade dos livros em diferentes espaços. E o espaço da cabana, caverna ou túnel, pode ser um lugar de criação de cenários, um lugar de inventar, de "desinventar" e também pode ser um lugar de silêncio e atenção.

É importante que o educador, familiar ou a pessoa que estiver fazendo a mediação dessas histórias façam a escolha dos títulos dos livros de forma cuidadosa, de acordo com a idade e o interesse das crianças.

Para ler com todas as crianças, com e sem deficiência, sugerimos a leitura de livros em formatos acessíveis. Um livro audiovisual acessível, por exemplo, pode contar com interpretação em libras, narração da história, audiodescrição das imagens e ambientação sonora. Nestes links, você encontrará alguns títulos nesse formato. A maioria deles está disponível exclusivamente para pessoas com deficiência, suas famílias e profissionais que trabalham com esse público:

- **Biblioteca Mais Diferenças**
- **Projeto Diversos**
- **Leia para uma Criança**

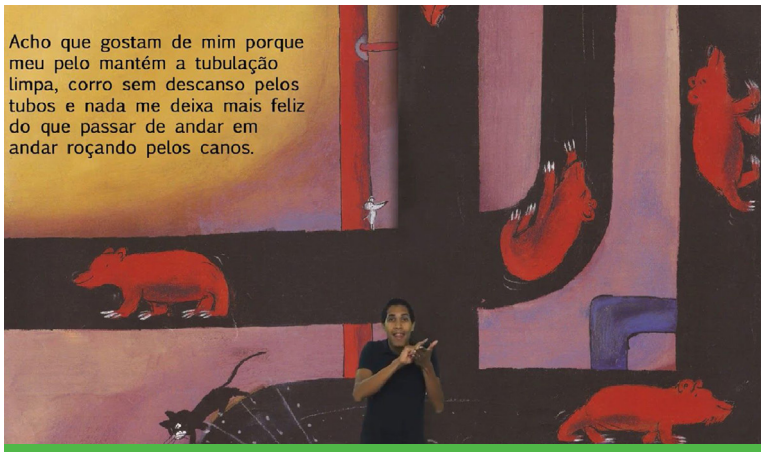


Criança e adulta leem livro deitadas dentro de cabana escura com ajuda da lanterna do celular.

Para inspirar a brincadeira, sugerimos *O Discurso do Urso,* de Júlio Cortázar (Editora Galera Record). Esse livro narra a história de um urso que vive e circula pelos canos de um prédio. A Mais Diferenças produziu a versão audiovisual acessível desse livro, **clique aqui** para acessar. Vocês podem confabular: "Onde os ursos vivem de verdade? Quais são as casas ou as tocas de outros animais?"

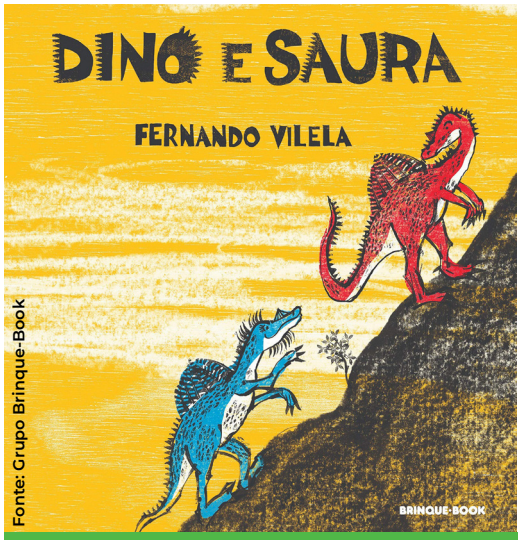
Em um evento para famílias na EMEI Nair Correa Buarque (DRE - FO), a sala para mediação de leitura do livro *O Discurso do Urso* foi decorada com dois ursos encaixados em canos de PVC.

Infelizmente, sabemos que o número de títulos em formatos acessíveis ainda é muito pequeno. Por exemplo, vamos indicar outro livro que pode ser interessante para a atividade da caverna, mas que não está em formato acessível: *Dino* e *Saura*, de Fernando Vilela (Editora Brinque-Book). Essa história conta que, há milhões de



Captura de tela do livro audiovisual acessível *O Discurso do Urso,* de Júlio Cortázar, produzido pela Mais Diferenças

anos, o planeta Terra era povoado por diferentes tipos de dinossauros. Na região onde hoje é o Brasil, dois deles começaram uma amizade improvável.... Vocês ainda podem confabular : "Existia dinossauro no Brasil? Qual o nome desses dinossauros? Como era a casa deles?". No final, o livro *Dino* e *Saura* inclui informações sobre as espécies de dinossauros brasileiros.



Fonte: Grupo Brinque-Book

Capa do livro *Dino e Saura* de Fernando Vilela (Editora Brinque-Book)

E então, como ler *Dino* e *Saura* e outros livros não acessíveis para todas as crianças, com e sem deficiência?

Como mediar a contação de histórias ancestrais e a leitura de livros de literatura?

Tanto para as histórias ancestrais quanto para livros de literatura podemos utilizar algumas estratégias para tornar essa mediação de leitura inclusiva para todas as crianças.

Objetos:

Para contar histórias para todas as crianças, com e sem deficiência, é importante ter em mãos objetos, miniaturas, e outros elementos que as crianças já conheçam. Por exemplo: uma criança cega pode não saber o que é um dinossauro - e outras crianças também. Um brinquedo pode ajudar nessa representação. E o tamanho? Ah, o tamanho pode ser representado por um barbante esticado no chão do tamanho real do dinossauro! As crianças podem caminhar, ou andar de rodas sobre ele, para descobrir o comprimento e altura de um animal como esse. Nossa, um titanossauro pode ter entre 12 a 20 metros de comprimento! Quantos passos uma criança precisa dar para chegar a este tamanho?

Produzir objetos é outra alternativa. Pode ser com massinha ou argila, garrafas de plástico, caixinhas de sabonete, pasta de dente; embalagens vazias de formatos diversos. Tudo vai depender de qual a história está sendo contada.

Ilhas produzidas com argila e papel ondulado para mediação de poemas do livro *A Poesia das Coisas, de Silvana Tavano e Adriana Fernandes (Editora SESI-SP).* Você encontra nosso material sobre brincadeiras com poesias para todos clicando **aqui.**

Elementos da natureza:

Usar elementos da natureza para enriquecer a história - como folhas secas, galhos, terra, pedras, água, entre outros - pode ser outro recurso muito atrativo e amplia o repertório de todas as crianças.

Imagens:

O uso de imagens com elementos da história podem auxiliar a comunicação com todos. Para as crianças que não falam, podem ser elaboradas fichas de "Comunicação Alternativa". Comunicação Alternativa é um recurso de acessibilidade, que engloba um conjunto de recursos, ferramentas e estratégias que contribuem para ampliar as possibilidades de comunicação, interação e produção de sentidos. A Comunicação Alternativa pode utilizar sinais gráficos, ícones, desenhos, fotografias, imagens, acompanhados ou não da escrita, em diferentes suportes, como papel, prancha e aplicativos. Por meio das fichas, as crianças podem se expressar, mostrar o que mais gostaram, qual personagem se identificaram, se sentiram medo, felicidade, tristeza, surpresa... Podem até contar uma história com as fichas!

No Portal Arasaac, você encontra um catálogo repleto de pictogramas e fotografias. Veja alguns exemplos abaixo:

Pictogramas disponíveis no Portal Arasaac: "caverna", "gostar", "medo" e "dinossauro"

Esses exemplos estão no documento que criamos com 71 ícones de "Comunicação Alternativa" relacionados ao contexto da *Arquitetura Infantil* e da mediação de leitura. Clique aqui para acessá-lo.

Descrição de imagens:

É imprescindível fazer a descrição das imagens das histórias para as crianças cegas. Neste momento, pedir ajuda de outras crianças é fundamental, pois elas veem coisas que podem passar despercebidas pelos adultos. Assim, a descrição das imagens é um exercício rico também para as crianças que não são cegas, pois elas ampliam seus repertórios ao descreverem as imagens.

Sons:

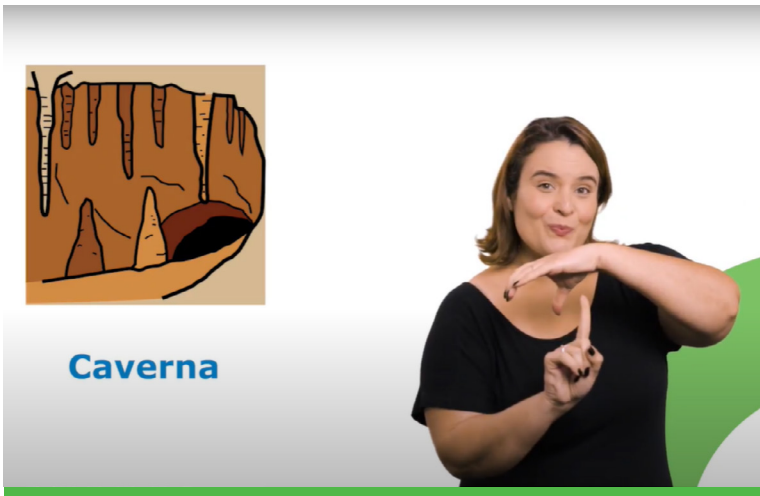
Brincar com os sons que podem estar presentes na história, como água pingando, latido do cachorro, trovão, rugido de animais, barulho das ondas do mar, porta batendo, vento forte, vento fraco, poderá ampliar a imaginação das crianças de como seria o lugar do qual estamos falando.

Para facilitar essa ambientação, criamos três trilhas sonoras: uma com sons da natureza (clique aqui), uma com sons da cidade (clique aqui) e outra com sons da casa (clique aqui).

Libras:

A melhor forma de contar histórias para as crianças surdas é usando a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Mas nem todos, crianças ou adultos, sabem falar essa língua - até mesmo algumas crianças surdas, devido à sua idade.

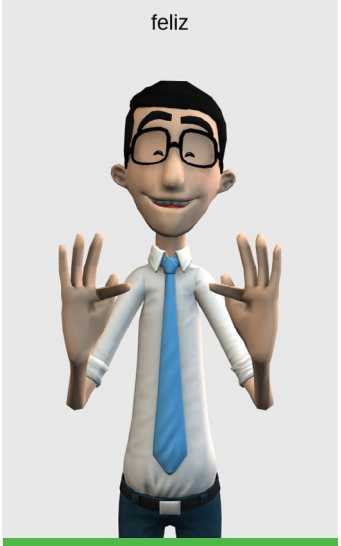
Por isso, produzimos um vídeo audiovisual acessível com 71 sinais de Libras relacionados ao contexto da *Arquitetura Infantil* e da mediação de leitura. Clique aqui para acessá-lo.



Captura de tela do vídeo acessível, material complementar ao guia *Arquitetura Infantil:* reinventando os espaços.

Além do vídeo, você pode usar também um aplicativo chamado HandTalk. Nele você fala ou escreve uma palavra e um "boneco intérprete 3D" faz o sinal em Libras correspondente.

Porém, lembre-se também que a maioria das crianças surdas são muito visuais e têm facilidade de fazer a leitura das expressões faciais e corporais. Dessa forma, desenhar a sequência da história, utilizar imagens inclusive as da comunicação alternativa descritas acima - e o corpo para demonstrar sentimentos e sensações são um ótimo recurso e todas as crianças também poderão se envolver.



Captura de tela do aplicativo HandTalk fazendo o sinal em Libras de "feliz".

CIRCO:

O circo é uma atividade cultural muito antiga, que reúne um coletivo de artistas com diferentes habilidades e que são, muitas vezes, da mesma família.

"Vai, vai, vai começar a brincadeira
Tem charanga tocando a noite inteira
Vem, vem, vem ver o circo de verdade
Tem, tem, tem picadeiro e qualidade".

(Trecho da música O Circo, composição de Sidney Miller interpretada por Nara Leão)

O circo vai começar e as crianças podem fabular livremente! Assistir a alguma apresentação de circo - seja ao vivo ou pela internet - ou ver um filme sobre o tema pode desencadear ideias para montar uma tenda de circo, fazer apresentações, malabarismos, palhaçadas, mágicas...

Teto de uma das tendas de mediação de leitura da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2018.

Aqui sugerimos algumas apresentações e filmes com temas circenses para começar a brincadeira.

Cirque du Soleil: Em sua página oficial no **YouTube**, é possível conferir apresentações completas dessa companhia circense que integra artistas de todo o mundo.

O Circo: Filme de 1928, de Charles Chaplin. Por não ter comunicação oral, esse filme pode ser especialmente interessante para as crianças surdas. Ele pode ser assistido em um canal do YouTube que disponibiliza filmes clássicos, e você pode acessá-lo clicando **aqui**.

Dumbo: Filme de 2019, de Tim Burton. Holt Farrier é uma ex-estrela de circo que retorna da guerra e encontra seu mundo virado de cabeça para baixo. O circo em que trabalhava está passando por grandes dificuldades e ele fica encarregado de cuidar de um elefante recém-nascido, cujas orelhas gigantes fazem dele motivo de piada. No entanto, os filhos de Holt descobrem que o pequeno elefante é capaz de uma façanha enorme: voar.

CAVERNAS E ARTE RUPESTRE

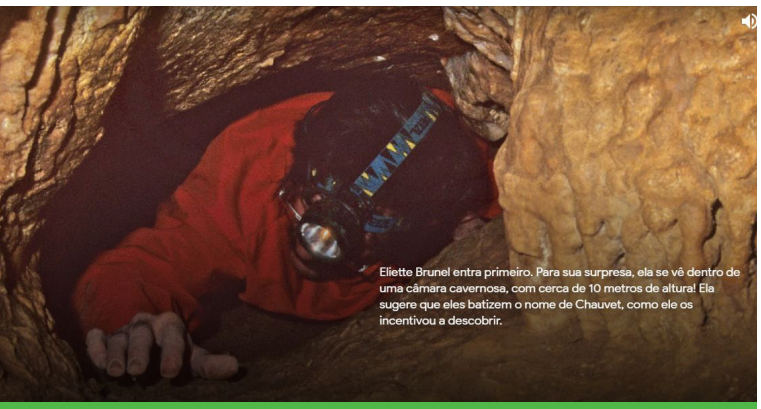
As cavernas foram o primeiro abrigo dos seres humanos. Já naquele tempo, as pessoas se expressavam por meio da pintura e do desenho nas paredes das cavernas, revelando sua vida cotidiana, hábitos, medos, enfim, sua cultura.

Registro rupestre pré-histórico pintado em caverna do Parque Nacional da Serra da Capivara (PI).

Visitantes observam uma das formações rochosas do Parque Nacional da Serra da Capivara (PI).

Essas são fotos do Parque Nacional da Serra da Capivara, localizado no Piauí. Esse parque abriga uma das maiores concentrações de sítios pré-históricos por quilômetro quadrado do mundo. Clique **aqui** para saber mais e ver mais fotos.

E, para se inspirar ainda mais nessa exploração de cavernas pré-históricas, sugerimos uma visita à exposição "Uma Jornada pela Galeria de Arte mais Antiga do Mundo", que explora a *Caverna Chauvet*, no sul da França, que tem 36 mil anos e é repleta de pinturas rupestres. Clique **aqui** para acessar a exposição na plataforma *Google Arts & Culture*, que reúne exposições de museus e visitas a locais históricos do mundo todo.



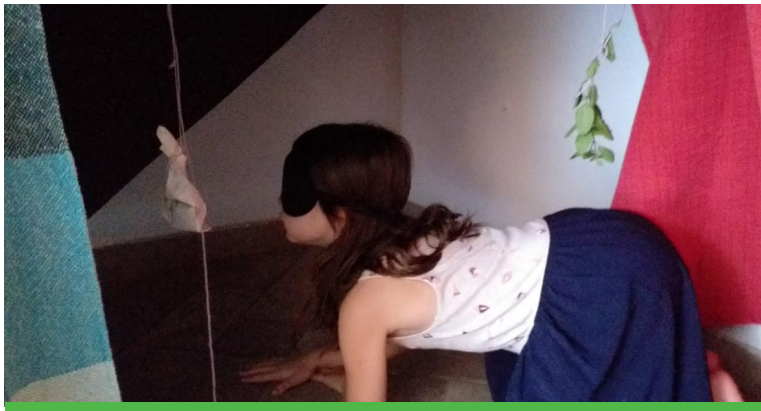
Captura de tela de um dos momentos da exposição "Uma Jornada pela Galeria de Arte Mais Antiga do Mundo"

USANDO OS SENTIDOS:

Dentro das cavernas podemos também proporcionar o desenvolvimento de brincadeiras multissensoriais, as quais as crianças podem acessar de diferentes formas.

Cheiros

Vocês podem construir um circuito no escuro ou com os olhos vendados. Diferentes cheiros podem ser colocados na parede com ajuda de uma fita crepe, dentro de um filtro de café ou de uma meia-calça: alecrim, raspas de sabonete, manjericão, hortelã ou outro tempero disponível. As crianças vão explorando e tentando adivinhar os cheiros:



Criança explorando, com os olhos vendados, o aroma colocado dentro do filtro de café na cabana, embaixo de uma escada.

"De que é esse cheiro? Você já sentiu esse cheiro antes? Se sim, onde?"

Para as crianças que não se utilizam da linguagem oral, é fundamental a utilização de imagens dos produtos contidos no interior dos saquinhos para que elas possam apontar.

Pictogramas disponíveis no Portal Arasaac: "sabonete", "café" e "hortelã"

Texturas

Também em um circuito escuro, com os olhos vendados ou não, se pode brincar com o tato, explorando diferentes texturas e materiais, em diferentes partes do corpo, pés, barriga, costas, mãos. Vocês podem espalhar pelo trajeto bichos de pelúcias, buchas, plástico bolha, isopor, algodão, diferentes tecidos, folhas e o que mais estiver disponível. E não são só as crianças que podem assumir o papel de adivinhar os objetos que lhe são oferecidos: em grupos ou individualmente, elas podem criar um circuito secreto e convidar os demais brincantes - adultos e crianças - para explorar as texturas com o tato.

Cores

Disponibilizar tecidos, panos, cobertores e lençóis de diferentes cores e texturas poderá proporcionar diversas ambientações dentro da barraca. Se a barraca for feita com um cobertor escuro, tudo ficará com uma tonalidade escura: a nossa pele, os objetos que estão lá dentro... Se for feita com um tule ou um lençol de cor azul, a barraca pode virar o céu ou o fundo do mar. Ah, mas e se o lençol for cheio de estampa, com muitas figuras? Vocês podem se deitar e, como quem olha as estrelas, brincar de achar padrões ou despadrões, de criar histórias para as estampas e cores, de nomeá-las e renomeá-las. “Como poderia se chamar o amarelo, se não fosse amarelo?”

Criança brincando com bonecos dentro da cabana feita com pano vermelho.

Corpo e movimento

Para propor algumas variações nos refúgios, os adultos podem criar espaços com pouca altura, onde só é possível andar agachado ou se arrastando, por exemplo. Ainda, pode-se combinar que não é permitido falar e as crianças devem inventar outras formas de comunicação, como gestos e mímicas. Essa brincadeira poderá incluir todas as crianças, com e sem deficiência.

Criança entrando em tenda montada sobre mesa invertida.

Luz e sombra

Com o auxílio de uma lanterna portátil ou da lanterna do celular, a imaginação das crianças poderá florescer! As sombras dos objetos ou do próprio corpo projetadas na parede com diferentes formas e tamanhos transformam-se em brincadeiras variadas: teatro de sombras, adivinhar qual animal se parece com a sombra projetada, inventar histórias, criar contos...

Crianças brincam com lanternas e sombras em suas cavernas.

Som

Os sons podem acompanhar a brincadeira dentro da cabana. Podemos começar perguntando para as crianças, de olhos fechados, quais sons elas estão ouvindo no ambiente.

A reprodução dos sons da natureza pode compor o terreno de imaginação! Podem ser sons da floresta, som do vento, de ondas do mar, da chuva, de cachoeira, de trovão... e também os sons da cidade, da casa e do próprio corpo.

Nessa ambientação, você pode usar também as trilhas sonoras que recomendamos para a mediação de leitura e contação de histórias: sons da natureza (clique aqui), sons da cidade (clique aqui) e sons da casa (clique aqui).

Como nos lembra Juhani Pallasmaa: "*ouvir estrutura e articula a experiência e a compreensão do espaço*".

Por que é para todos?

Temos que manter em mente que o brincar é direito de todas as crianças e que é no brincar que está centrada a base do desenvolvimento na primeira infância. Portanto, as crianças com deficiência têm o direito de brincar e precisam brincar!

Criança com deficiência brinca com tecido na EMEI José Rubens Peres Fernandes (DRE - PE).

Nesse sentido, a proposta da subversão dos espaços, das diferentes formas de intervenção em ambientes internos ou externos, unida à liberdade de fazer e criar, convida e possibilita a brincadeira com todos. No momento da inventividade, valorizada desde o início da preparação e exploração do ambiente, podemos experimentar várias sensações.

"Liberdade de se soltar, liberdade para amar e liberdade para transformar o espaço em poesia". (Hélio Oiticica)

Ter liberdade significa que cada um participa do seu jeito, como quer, muda a brincadeira, desdobra em outra, retoma e relembra em outros momentos. Cabe a nós, adultos, propor, escutar, observar, permitir, oferecer o devaneio, a fantasia e a invenção.

Entrar em uma caverna pode ser desafiador, ela pode ser grande ou bem pequena; estreita ou larga; alta ou baixa; escura, clara ou iluminada por lanternas; pode ter som ou ser silenciosa; ter cheiros ou não. O importante é que a caverna, tenda ou barraca seja um lugar de todos: dos que não veem, dos que não ouvem, dos que engatinham, dos que andam sobre rodas, dos que não falam, dos que gostam de repetir, dos que não gostam de barulho ou contato, dos que amam o barulho... Um lugar em que crianças com diferentes tipos de deficiência e sem deficiência possam entrar e desbravar seus mistérios.

A seguir, fazemos um breve exercício de como podemos incentivar o movimento da *Arquitetura Infantil*

por crianças com diferentes tipos de deficiências.

Primeiro, tomemos como exemplo as **crianças com paralisia cerebral.** Muitas vezes, nós olhamos para essas crianças e tudo o que enxergamos são fragilidades e impossibilidades. Em um misto de receio e de não saber como agir, pensamos: “não dá”, “não pode”, “não consegue”... e, assim, privamos essas crianças de participar de brincadeiras e diferentes atividades.

Dentro do túnel, as crianças com paralisia cerebral, principalmente as que estão na cadeira de rodas, podem sair da cadeira e experimentar brincadeiras deitadas, sentadas, engatinhando, rolando e se arrastando. Uma ideia é forrar o chão do túnel com tecidos de diferentes texturas e espessuras: pode ser um cobertor, que é grosso e peludo, mas também pode ser um lençol, que é leve e macio. Deitar sobre estas texturas mobiliza a imaginação – ela imagina que está aonde? Em uma nuvem? Em um ninho de passarinho? – e possibilita que a criança sinta corporalmente diferentes sensações.

Também podemos colocar a criança com paralisia cerebral em contato com outras texturas na mão, no braço, no pé, na barriga ou nas costas... O que ela sente e como explora folhas e cascas de árvores, lixas e espuma? Aí, contamos com a imaginação dos adultos, que pode ser uma grande companheira nessa brincadeira. Você pode usar as diferentes texturas para contar uma história, por exemplo, indo do fundo do mar, com as espumas e esponjas, até a floresta, com as folhas e cascas.

E, como recomendamos na seção **Sugestões de Mediação**, para as crianças que não falam podem ser elaboradas fichas de Comunicação Alternativa.

Um segundo exemplo são as **crianças cegas** que exploram o mundo a partir do tato, do cheiro, da audição... Por isso, proporcionar brincadeiras multissensoriais as auxilia na elaboração de conceitos. Mas, como uma criança cega vai construir a imagem mental de uma caverna?

Uma caverna pode ser um espaço pequeno, úmido, áspero, com som de água pingando de tempo em tempo, com eco, frio... E como podemos representar alguns desses elementos para que essas crianças possam ter essas sensações?

Uma estratégia para explicar a sensação da umidade seria espalhar gotículas de água dentro da cabana

com um borrifador. Criar objetos tridimensionais com os tipos de animais e plantas que vivem nesse ambiente também auxilia na criação de imagens mentais. O mesmo acontece com as formações rochosas: como faço uma estalactite ou estalagmite?

Também é interessante pesquisarmos os sons e barulhos da caverna, como recomendamos na seção de **Sugestões de Mediação.**

Agora releia esses dois exemplos e reflita: essas estratégias beneficiam apenas crianças com paralisia cerebral e deficiência visual? Ou será que beneficiam também crianças com autismo ou com outras deficiências, como intelectual ou auditiva? E as crianças sem deficiência?

Pensamos que todas as sugestões deste material favorecem a inclusão e o desenvolvimento de todas as crianças, cada uma com suas diferentes características.

Propomos uma mudança significativa no olhar: é preciso passar a ver como potência o que, muitas vezes, nos é imposto como limitação. Tal mudança é capaz de diversificar e intensificar as experiências das crianças e adultos.

Liberte-se!

E depois? Mais e mais brincadeiras!

Criança dentro de seu abrigo construído com guarda-chuva.

Quando propomos atividades de *Arquitetura Infantil* o resultado é que crianças aguçaram o olhar para outros refúgios: brincam de túnel feito dos pés das cadeiras, organizam-as em uma quina da sala para construir um forte; colocam um guarda-chuva aberto na quina do sofá, se encolhem em um cantinho do guarda-roupas...

A cor dos tecidos e os pedaços de panos no espaço envolvendo a brincadeira também podem se tornar um estandarte de interações, uma forma de se comunicar. As crianças podem enrolar os panos no corpo, transformá-los em tendas, em capas de vestir... Especialmente para as crianças sem comunicação verbal, os movimentos corporais podem revelar estruturas de intenções e descobertas para todos envolvidos na brincadeira.

Por exemplo, em Unidades Educacionais da rede municipal de São Paulo, juntamos várias mesas e cobrimos com um grande pedaço de tecido, o que resultou em um grande túnel. Dentro dele, era escuro e passamos fios de malha pelos pés das mesas, formando uma cama de gato. Também espalhamos folhas secas e papel celofane picado pelo chão do túnel.

Separamos uma das mesas e cobrimos com um pedaço de tule. Na voz das crianças, aquilo era uma "toca misteriosa". Dentro dela, vários tecidos e panos foram colocados para que as crianças, livremente, descobrissem e dessem a eles o sentido que desejassem.

Crianças com e sem deficiência exploram cama de gato dentro do túnel feito das mesas cobertas com tecido na EMEI Raul Nemenz (DRE - G).

Pedaços de tecido viraram capas, vestidos, pulseiras, bandanas, colares e roupas diversas. As crianças corriam pela sala com tecidos nas mãos. Um enorme pedaço de tecido azul virou o mar e crianças dentro de uma caixa-barco enfrentaram ondas gigantes. Uma grande tenda vermelha foi erguida: amarraram e esticaram esse grande pedaço de pano, como se ali passassem a noite deitadas e protegidas no deserto do Saara.

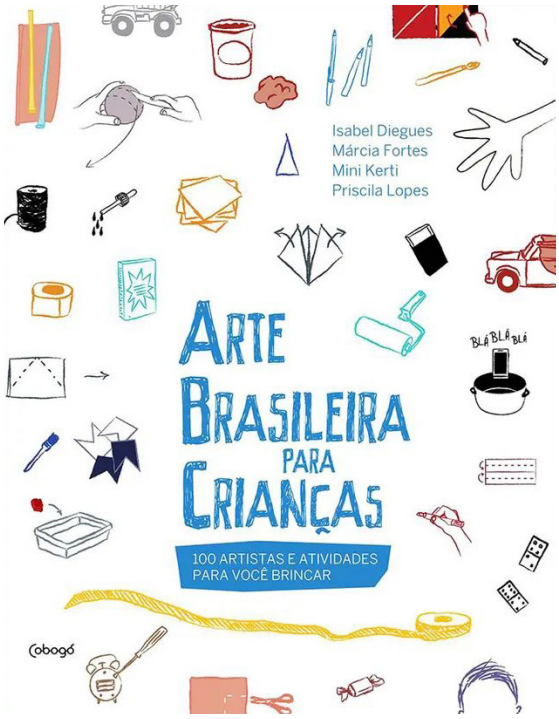
Criança e adulto brincam de "gigante" com o auxílio do tecido da cabana.

Durante toda brincadeira, observamos as crianças que interagiram com os tecidos no corpo, pelo rosto, sentindo a textura do tule, da camurça, do elastano, ou seja, experimentando a brincadeira do seu jeito.

Outro desdobramento foi a transformação do túnel em passarela. Usando os tecidos como adereços no corpo, as crianças espontaneamente começaram a caminhar em cima das mesas, exibindo e interagindo com seus estandartes.

Além disso, a *Arquitetura Infantil* pode despertar uma observação e exploração mais ativa do mundo ao seu redor. Vocês podem planejar uma visita a aldeias indígenas, instalações artísticas, centro culturais... Existe alguma caverna perto de vocês? Pode ser na natureza, na cidade ou na sua casa. Basta imaginar!

Para continuar explorando...



O livro **Arte Brasileira para Crianças** instiga que crianças de todas as idades conheçam diversos artistas brasileiros por meio de brincadeiras relacionadas com suas obras.

Isabel Diegues, Mini Kerti, Márcia Fortes, Priscila Lopes. **Arte brasileira para crianças: 100 artistas e atividades para você brincar.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

Clique **aqui** para acessar uma resenha do livro escrita por Isabel Diegues, uma das autoras do livro e diretora editorial da Cobogó.

O Currículo da Cidade apresenta os princípios e diretrizes que norteiam a educação infantil pública municipal. Este documento é uma das bases do Projeto Brincar.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Infantil.** – São Paulo : SME / COPED, 2019.

Clique **aqui** para acessar o Currículo da cidade: Educação Infantil.

Clique **aqui** para ver um vídeo com orientações para a leitura desse documento.

Gianni Rodari (1920-1980) nasceu em Omegna, na Itália. Foi pedagogo, jornalista, poeta e escritor de livros infantis.

Clique **aqui** para ler uma matéria na Revista Emília sobre sua vida e obra.

Neste guia, usamos seu livro intitulado **Introdução à Arte de Contar Histórias Gramática da Fantasia,** publicado pela Summus Editorial em 1982.

Clique **aqui** para ler uma amostra desse livro.

Hélio Oiticica (1937-1980) nasceu no Rio de Janeiro. Foi pintor, escultor, artista plástico e performático.

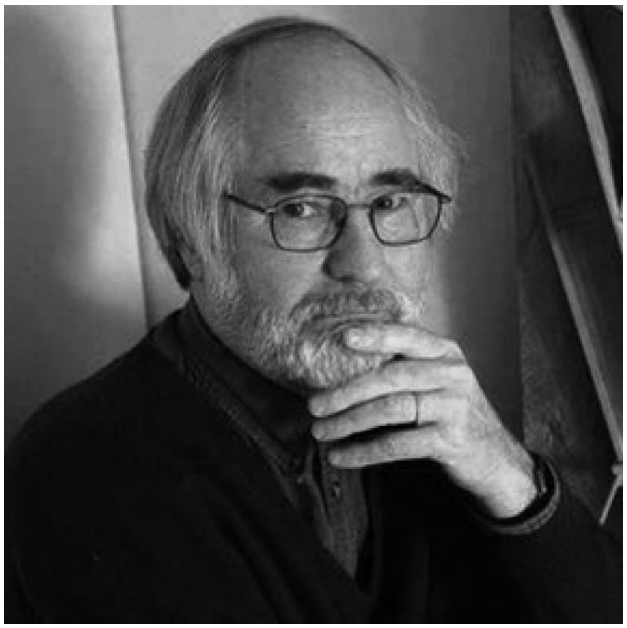
Na seção **Como um corredor pode virar caverna?** indicamos algumas referências sobre sua vida e obra.

Além disso, neste guia usamos o livro **Helio Oiticica: museu é o mundo** publicado pelo Itaú Cultural em 2010. Esse é o catálogo da exposição de mesmo nome realizada naquele ano no espaço do Itaú Cultural em São Paulo.

Clique **aqui** para ver um vídeo registro dessa exposição.

Jan Masschelein (1956) é um educador belga, autor de diversas reflexões no campo da filosofia da educação. Atualmente coordena o Laboratório para a Educação e a Sociedade da Universidade de Louvain na Bélgica. Além de tudo isso, ele é um espeleólogo, isto é, em seu tempo livre, Jan explora cavernas.

Neste guia, usamos seu artigo intitulado **E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre** publicado na revista Educação & Realidade, do Rio Grande do Sul, em 2008. Clique **aqui** para acessar esse texto.



Juhani Pallasmaa (1936) é um arquiteto e filósofo finlandês. Suas exposições sobre arquitetura e artes visuais viajaram o mundo.

Clique **aqui** para assistir a uma entrevista com Juhani na qual ele afirma que *"a arquitetura é uma mediação entre o mundo e nossas mentes."* Lembre-se de ativar as legendas.

Neste guia, usamos como epígrafe um trecho de seu livro intitulado **Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos,** publicado pela Editora Artmed em 2011.

Clique **aqui** para ler uma amostra desta obra.

Maria Montessori (1870-1952) nasceu em Chiaravalle, na Itália. Foi a primeira mulher em seu país a se formar médica. Graduou-se também em pedagogia, antropologia e psicologia e sua atuação marcou a história da educação.

Clique **aqui** para ler um pouco mais sobre sua vida e visão pedagógica.

Neste guia, usamos o livro dedicado a seus pensamentos escrito por Hermann Röhrs para a *Coleção Educadores*, lançada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2010.

Clique **aqui** para acessar a obra completa.

Ficha Técnica

Desenvolvimento
Mais Diferenças

Redação
Ana Carolina Radzevicius
Arthur Calasans
Carla Mauch
Guacyara Labonia Guerreiro
Thaís Martins

Imagens
Arthur Calasans
Bruno Guimarães
Luís Mauch
Acervo Mais Diferenças
Acervo Projeto Brincar

Design gráfico
Alex de Almeida

Materiais complementares - faixas de áudio, fichas e vídeo audiovisual acessível

Coordenação
Ana Rosa Bordin Rabello

Alex de Almeida
Bárbara Castoldi
Bruno Felix
Cassiano Fraga
Danilo Santos
Paula Rosa Gomes
Paulo Castro
Rodrigo Sanches

Sobre o Projeto Brincar

O Projeto Brincar é uma iniciativa da Fundação Grupo Volkswagen em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, concebida e desenvolvida pela Mais Diferenças. Desde 2017, o Projeto propõe a criação e experimentação de práticas pedagógicas inclusivas de maneira a contribuir com a qualidade das políticas públicas de Educação Infantil ofertadas a todas as crianças, com e sem deficiência. Em 2020, o Brincar foi reconhecido em âmbito internacional pela iniciativa Zero Project, que premia práticas inovadoras voltadas à garantia dos direitos das pessoas com deficiência no mundo. Para saber mais sobre o Projeto, acesse:

https://fundacaogrupovw.org.br/projetos/brincar/

https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/projeto-brincar-oferece-formacaocontinuada-aos-educadores-da -educacao-infantil/

http://maisdiferencas.org.br/projeto/brincar/